

**Notas no Schiphol Airport:
portão C9 [18 oct 06 – 14h27]**

Aníbal Cristobo

#1: Já tinha passado a manhã inteira da terça naquele apartamento de Kreuzberg – onde não havia ninguém – olhando pela janela. Tentava escrever, mas era como se estivesse esperando alguém a quem explicar os detalhes de uma viagem – e súbito compreendesse que não falava aquela língua. Talvez por isso tivesse ficado distraído, deixando sua vista passar entre as varinhas de vime da cortina, e só mais tarde iria reparar na sua tentativa de decodificar a sequência da fumaça branca da chaminé daquele outro prédio.

#2: Não é que tivesse conseguido escrever alguma coisa, mas acreditava que sim. Ao sentar na sala do aeroporto, foi estranho não achar a folha. Devia dizer: “Pensou em encontrá-la [mesmo que fosse outra], sugerir que talvez fosse melhor viver *do lado de fora*. Depois imaginou que fossem aqueles poemas no seu walkman, e tentou lembrar do que eles diziam. Quando você começou a se sentir assim? perguntou uma voz – mas não viu ninguém. Achou engraçado ter o mesmo

nome, a mesma biografia de alguém que, nessa situação, teria procurado entender”.

#3: Quando o capitão – fazia agora uma hora – tinha dito que o Schiphol era um dos aeroportos mais bonitos, a imagem tinha sido outra: “sabia que seria novamente esse céu cinza que conheço”. Mentalmente, o que queria explicar para ela, poderia se traduzir assim: “primeiro ia dizer / que esses poemas eram tudo / o que eu queria escrever, e o modo em que eu me via/ e via / o mundo. E logo // o avião aterrando deixou tudo claro: tinham sido esses poemas no meu walkman, os que – já nem sabia / quando – me ensinaram esse modo de olhar; isso / que agora / eu chamava eu.”

#4: O riso, enquanto andava pelos corredores do aeroporto, tinha a ver com um motivo para não escrever o que tinha imaginado minutos antes: “Olha, é como quando Mick Jagger recusou uma entrevista dizendo que seria sempre melhor entrevistar alguém nascido *quando já existiam os Rolling Stones*, do que ele próprio. Estas notas, escritas pela mão de alguém nascido *depois do livro*, seriam muito melhores.”

#5: Era essa a sensação a que tinha feito que, no dia anterior – sem ter escrito – tivesse sentido aquela vontade de riscar tudo e começar de novo assim: “Quer saber o que eu acho? Acho que dentro de algum tempo, para se referir a esses sons que você traz aqui, as pessoas dirão: ‘me sentia dentro de um poema da Marília, e ouvia minha voz, mas o sentido continuava longe, e só conseguia entender que ia me afastando de alguma coisa – que também era eu.’ E que depois dessas músicas, muitas pessoas irão desenvolver um outro gosto não só pela poesia, mas pelos seus próprios desejos de se imaginarem as-

sim, e por esse outro modo de sentir seus fragmentos de fala e de memória, e por todos esses sinais incompreensíveis que juntamos cada dia, e, em geral, um outro gosto e um outro amor por observarem o maravilhosas e inexplicáveis e verdadeiras e diferentes que podem ser as vidas deles – quando olhadas assim. Parabéns.”

#6: E enquanto isso a névoa continuava descendo sobre um dos aeroportos mais bonitos do mundo [segundo o capitão do voo KL1823], e algumas poucas pessoas passavam pelo espaço que separava as janelas da mesa na qual um homem de suéter preto e fones de ouvido sorria e escrevia.